

APRESENTAÇÃO

EPISTEMOLOGIA E ESCRITA DA HISTÓRIA

O presente dossiê da Revista *Historiæ*, possui como objetivo apresentar estudos que estão sendo realizados atualmente por pesquisadores e pesquisadoras que abordam, a partir de variados ângulos, questões relacionadas com a Epistemologia e a Escrita da História. Logo, os estudos em Epistemologia e Escrita da História solidificaram-se, a partir segunda metade do século XX, como um dos principais campos de pesquisa da historiografia. Desse modo, em diálogo com a Teoria Literária, a Filosofia Analítica e Hermenêutica, a Antropologia e as Ciências Sociais a indagação epistemológica e, também, sobre a escrita da História atravessou distintas transformações que suscitaram complexos caminhos e perguntas, em uma ampla variação de propostas metodológicas aprofundaram a investigação histórica.

Carlos Prado, no texto *Braudel e a pluralidade do tempo: a história entre o estrutural e o factual*, aborda como Fernand Braudel responde ao avanço do estruturalismo lévi-straussiano na década de 1950 a partir do tema da longa duração e de uma abordagem plural do tempo, buscando superar a oposição entre o estrutural e o factual. Primeiramente, apresenta o estruturalismo antropológico, ressaltando suas características e considerações diante do pensamento histórico. Num segundo momento, evidencia-se como Braudel se apropria do estruturalismo de Lévi-Strauss ao mesmo tempo em que o nega e apresenta a História como a ciência capaz de permanecer hegemônica entre as Ciências humanas, além de tratar do conceito de longa duração e da pluralidade temporal. Por fim, são traçadas algumas considerações sobre a ampliação da história estrutural, destacando sua diversidade e seus riscos, especialmente, o de produzir uma história imóvel.

Em *Narrativas sobre mortes suicidas ou histórias (im)possíveis*, Dulceli de Lourdes Tonet Estacheski analisa o tema do suicídio em uma perspectiva histórica investigando narrativas encontradas em inquéritos policiais da cidade de Castro/PR, do período de 1890 a 1940. O aporte teórico centra-se na questão da

história como narrativa produtora de sentido e na história das emoções como possibilidade de compreensão social.

No artigo, *O campo de experiências na filosofia da história de Otto Bauer (1881-1937)*, Carlos Henrique Armani e Simone Margis, investigam a filosofia da história do intelectual alemão Otto Bauer e como a partir dela se arquiteta o conceito de nação em sua narrativa. Armani e Margis para atingir tal objetivo constroem o artigo em duas frentes. Por um lado, os autores recriam o contexto história e intelectual do Império Austro-Húngaro, por outro lado, Armani e Margis, analisam a filosofia da história de Bauer e como a partir dela se estrutura sua teoria da nação. Por fim, para os autores, ao construir uma teoria da nação a filosofia especulativa de Bauer integra em uma mirada o passado, o presente e o futuro.

No artigo *Um processo de mal-entendidos: um exercício teórico a respeito da etnogênese do guarani missioneiro*, Leandro Goya Fontella, partindo do pressuposto que se desenvolveu uma cultura de contato na região missioneira da bacia do Rio da Prata entre os séculos XVII e XVIII, analisa narrativas sobre o processo de etnogênese do guarani missioneiro por meio do fenômeno relacional que envolve os mal-entendidos e, desse modo, produziu uma nova configuração sociopolítica e cultural no universo reducional.

No artigo, *Podemos falar em realidade na História? Reflexões sobre tempo e espaço a partir de Jacques Rancière e Henri Lefebvre*, Maiara Eveline Schmitz analisa como a partir da *linguisturn*, a teoria da história ampliou o entendimento do passado. Para a autora na epistemologia da história contemporânea chegar ao “real” do passado tornou-se algo problemático, o que faz os historiadores terem que reanalisar a sua prática. Avançando na discussão, a autora percebe que em geral legitima-se o ofício do historiador a partir do conceito de tempo. Desse modo, para esmiuçar essa problemática, Schmitz investiga a obra de Jacques Rancière e Henri Lefebvre que se empenharam a compreender a multiplicidade e o enredamento da temporalidade para a análise do passado. Assim, entrecruzando a obra desses dois autores, Schmitz mostra as contradições e virtualidades do tempo histórico.

Em *Uma memória transnacional da tortura em La noche de los lápices: olhares epistemológicos sobre o cinema-história entre o representável e o irrepresentável*, Alexandre Maccari Ferreira discute como o representável e o irrepresentável são pensados na constituição de uma ficção cinematográfica que aborda a memória da tortura. A argumentação é fundamentada a partir de um filme sobre a ditadura civil-militar argentina (1976-1983) que apresenta

imagens de tortura física e psicológica: *La noche de los lápices* (1986), de Héctor Olivera. A discussão sobre o irrepresentável se origina em torno do Holocausto. Nesse sentido, são discutidos o estudo em Georges Didi-Huberman e Jacques Rancière que problematizam a questão do representável na produção de imagens desse acontecimento traumático. A partir desse entendimento, o autor argumenta que a aproximação com a prática sistemática da violência durante a ditadura argentina suscita uma reflexão sobre a tortura na ficção.

No artigo, *A História “deles” e a “nossa”: uma análise das Teorias Filosóficas da Verdade em Bloch e Febvre*, Emanoela Agostini analisa como e de qual natureza é a teoria filosófica da verdade que está na historiografia de Marc Bloch e Lucien Febvre. Com isso, Agostini quer investigar se há similaridades em relação a teoria que orienta a escrita da história de Charles Langlois e Charles Seignobos. A hipótese que a autora levanta é que as concepções de verdade entre esses historiadores se equiparam. Portanto, a partir disso, Agostini problematiza a ideia de revolução historiográfica atribuída aos fundadores dos *Annales* em relação a historiografia anterior dos metódicos.

Por fim, o que marca o atual estado dos estudos da epistemologia e escrita da história é a sua permeabilidade e cruzamentos, num momento abalizado pelo aprofundamento do exame do global e do pós-colonial, reavaliando e renovando suas linguagens e abordagens. Com esse conjunto de artigos esperamos que os leitores e leitoras possam ter uma variedade de referências sobre pesquisas atuais que tratam de epistemologia e narrativa histórica.

Prof. Dr. Ricardo Oliveira da Silva (UFMS)
Prof. Dr. Fabrício Antônio Antunes Soares
Organizadores